

13/10 - Sétima aula

Dialética

1. Há a lei do processo quantitativo e do salto qualitativo: a passagem de uma qualidade a outra e o surgimento repentino da nova qualidade. Pudovkin <https://youtu.be/HIP9uGQ56ag>
2. Lei do conjunto e das partes: um conjunto e as partes mergulham num todo que lhes confere uma profundidade e uma extensão que não podem ser medidas pelos limites próprios do conjunto e das partes. Dovchenko
3. Há ainda a lei do Um e da oposição, da qual se diz que as duas outras dependem: o Um que se torna dois para atingir uma nova unidade. Eisenstein

Mas, o que havia de comum entre as três era a idéia de que o materialismo era antes de tudo histórico, e de que a Natureza só era dialética porque sempre integrada numa totalidade humana. Donde o nome dado por Eisenstein a Natureza: ela era "a não-indiferente"

Vertov

Dialética da matéria em si

Movimento

máquinas, paisagens, edifícios ou homens: cada um se apresentava como sistemas materiais em perpétua interação.

Eram catalisadores, transformadores, conversores, que recebiam e restituíam movimentos, cuja velocidade, direção e ordem modificavam, fazendo a matéria evoluir para estados menos "prováveis", operando mudanças que não podem ser medidas por suas dimensões próprias.

Não é que Vertov considerasse os seres como máquinas, mas sim que as máquinas tinham "coração", e "rolavam, tremiam, freíam e lançavam raios", como o homem também podia fazer, com outros movimentos e em outras condições, mas sempre em interação uns com os outros.

O importante eram todas as passagens (comunidades) de uma ordem que se desfaz a uma ordem que se constrói.

Intervalo

Porém, entre dois sistemas ou duas ordens, entre dois movimentos, há necessariamente o intervalo variável.

Em Vertov, o intervalo de movimento é a percepção, o olhar de relance, o olho.

A correlação entre uma matéria não humana e um olho sobre-humano é a própria dialética, pois é, principalmente, a identidade de uma comunidade da matéria com um comunismo do homem. E a própria montagem estará sempre adaptando as transformações de movimentos no universo material ao intervalo de movimento no olho da câmera: o ritmo.

Exp cine 254, 255 e 256

<https://youtu.be/auFNysJG1v0>

3 níveis da montagem

1 antes da filmagem, escolha do material

2 na filmagem, intervalos do olho-câmera

3 depois da filmagem, na sala de montagem e diante dos espectadores (a vida no filme e a vida como ela é)

a dialética devia romper com uma Natureza ainda excessivamente orgânica e com um homem muito facilmente patético. Vertov esforçava-se para que o todo se confundisse com o conjunto infinito da matéria, e para que o intervalo se confundisse com um olho na matéria, câmera. Como os outros, tampouco encontrará compreensão na crítica oficial. Mas terá levado ao extremo um debate interior a dialética, que Eisenstein sabe muito bem resumir quando ultrapassa a polêmica. É o par "matéria-olho" que Vertov opõe ao par "Natureza-homem", "Natureza-punho", "Natureza-soco" (orgânicopatético)

Não é a consciência, mas a interação criadora do ritmo q leva ao novo.

Vertov nos videoclips e em *koyaanisqatsi* de Godfrey Reggio música de Phillip Glass (em língua hopi, vida em turbilhão)

<https://youtu.be/v6-K-arVI-U>

Escola francesa

a escola francesa seria antes uma espécie de cartesianismo: são autores que se interessam principalmente pela quantidade de movimento e pelas relações métricas que permitem defini-la.

composição mecânica das imagens movimento.

Cena da farândola em Maldone de Gremillon

https://youtu.be/aGn4_DTFFlc

são sempre "a" farândola cujo mistério, isto é, a quantidade de movimento, Grémillon não cansa de extrair; um pouco como Monet não pára de pintar "a" Ninféia.

Tipos de máquina

1 autômato, relojoaria

configuração geométrica de partes que combinam, superpõem ou transformam movimentos no espaço homogêneo, segundo as relações pelas quais passam.

Ex: cena da fila cutucada pela mulher em O chapéu de palha de R Clair

um claro movimento mecânico enquanto lei de máximo para um conjunto de imagens que reúne, homogeneizando, as coisas e os seres vivos, o animado e o inanimado.

O objeto concreto, o objeto do desejo, aparece como motor ou mola que age no tempo, *primum movens*, que desencadeia um movimento mecânico para o qual conspira um número cada vez maior de personagens; estes, por sua vez, aparecem no espaço como partes de um conjunto crescente mecanizado

O chapéu que causa toda a confusão em O chapéu de R Clair.